

UM PENSAR INTERDISCIPLINAR: A PEDAGOGIA CRÍTICA E À ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.

Gabriel Viana O. de Oliveira;

Maria Verônica Pires da Silva;

Centro Universitário de João Pessoa Unipê, gviana.cg@hotmail.com
Centro Universitário de João Pessoa Unipê, veronicapires2020@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao tratarmos de conceituar o termo interdisciplinaridade, não se viabiliza um sentido único e estável, mas de um conceito variável, não somente no nome como também pelo significado empreendido.

Uma das primeiras e mais significativas pesquisas promoveram reflexões sobre as estratégias referenciadas na interdisciplinaridade, assim para Japiassu o conceito aqui destacado (1976, p.74) “caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”. É compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado.

Ao pensarmos em consciência dentre inúmeras formas de compreendê-la tomamos o caminho que remete ao conceito de humanidade de forma a destacar esta como referência de um ser dentre outros, dotada de uma evolução sobre o presente aspecto, retratando esta, como elemento possível de defini-la, pois a mesma é dotada de uma percepção de si mesma e do mundo ou de um *cogito ergo sum* (penso, logo existo) que a distância de outros seres.

Sendo assim, a presente pesquisa promoverá uma apreciação sobre a consciência, esta, originada de uma junção de dois vocábulos latinos, o *cum*, significando “como” e *scio* “conhecer”, propondo o conhecimento repartido com o outro e por extensão o conhecimento decorrente de uma apropriação de experiências consigo mesmo, em um movimento de introspecção.

Porém, o foco sobre o conceito de consciência se dará não sobre o horizonte desta unidade, estudada, em suas múltiplas concepções e fundamentos, mas sobre o cerne de dois teóricos que se apropriaram deste elemento enquanto possibilidade de um desenvolvimento ou aprimoramento do homem. Assim os pressupostos de Paulo Freire e Carl Ransom Rogers possibilitará um caminhar mais firme e com uma direção elucidativa sobre a compreensão dos presentes teóricos sobre a temática.

Nesta perspectiva, Freire adota a consciência como elemento central na educação dos oprimidos, através da apreensão da realidade em um ambiente histórico-cultural, devendo desta forma, no processo educacional, levar em consideração os diferentes graus de apreensão ou níveis de consciências que os homens possuem diante de uma realidade muitas vezes imposta ou hipotética. Rogers aponta a comunicação com si mesmo, enquanto caminho para o indivíduo se reajustar, através da experiência vivida ou experiência organísmica devendo ser simbolizada corretamente na consciência através de uma tomada de consciência do vivido, decorrendo com isso, de uma reorganização da imagem do *eu*, permitindo um vir a ser mais congruente e autêntico.

Desta forma, resgatamos elementos que facilitam uma compreensão do conceito em questão, ampliando o mesmo sobre distintas perspectivas, de forma a adentrarmos os elementos que caracterizam e particularizam o desenvolvimento de tais teóricos, e por

fim, a articulação de relações entre suas práticas, princípios e visões, estes, que influenciaram seu posicionamento em relação ao mundo e a sua práxis.

Assim, a presente pesquisa foi organizada a partir de elementos que inicialmente promoverão a reflexão acerca do conceito de consciência e suas distinções nos campos do saber. Em um segundo momento, destacamos o conceito acima, sobre os fundamentos dos teóricos estudados de forma a evidenciar, através de contornos distintos, a compreensão dos mesmos sobre o referido conceito. Por último, resgatamos alguns conceitos e formas de trabalho que assumem semelhanças tanto sobre os aspectos referentes a forma de perceber os potenciais humanos como posicionamentos éticos que deveriam permear a relação entre as pessoas, bem como a possibilidade real de um desenvolver de suas potencialidades quando facilitadas por posicionamentos pautados pela congruência, liberdade de ser, dialogicidade, dentre outro.

METODOLOGIA:

A pesquisa possui como objetivo geral, qual seja: investigar o conceito de consciência sobre a ótica de Paulo Freire e Carl Rogers tomando como referência o conceito interdisciplinaridade para tal aproximação. E como objetivos específicos, a descrição e interligação de aspectos semelhantes sobre os elementos que poderão vir a favorecer este movimento de compreensão de mundo, tratando das convergências teóricas, quanto a importância de uma tomada de consciência. Sendo assim, o presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o objetivo exploratório, utilizando como procedimento a pesquisa bibliográfica.

DISCUSSÃO:

Na língua portuguesa podemos constatar a palavra consciência sobre três acepções diferentes, por um entendimento *neuropsicológico*, em que emprega o termo em um sentido de estado vígil, igualando desta forma a consciência a um grau de clareza sensorial, enquanto um estado de despertar, lúcido tratando especificamente do nível de consciência. Através de uma definição *psicológica*, a consciência é traduzida pela soma total das experiências consciente de um indivíduo em um determinado contexto. Desta forma a consciência é a dimensão subjetiva da atividade psíquica daquele que se volta para uma determinada realidade (DALGALARRONDO, 2008).

A consciência se reflete e vai para o mundo que conhece: é o processo de adaptação. A consciência é temporalizada. O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade (FREIRE, 2014, p. 50). Sobre tal fragmento, passamos a descrever contornos sobre o entendimento de homem, este que toma o mundo em suas mãos na busca de compreendê-lo em um movimento que resulta em sua própria auto compreensão, pois se vê inserido neste universo que o reflete e é refletido por ele. Sendo assim, propomos alguns elementos que possam clarificar posicionamentos decorrentes de uma visão de mundo voltada para uma população. Sendo proposto elementos que influenciaram Freire a perceber o mundo que o cerca, e as fontes em que o nutre para compreender e intervir da forma que o fez.

Gauthier (2013) aponta como pilar central a consciência, enquanto peça fundamental na educação dos oprimidos, sendo seu trabalho pautado por uma concepção ou perspectiva de uma educação crítica que serve-se de fontes como o *pensamento crítico da tradição marxista e comunista* e o *pensamento social cristão de inspiração igualitária e humanista* que se encontra na base da Teologia da Libertação. Diante destas vertentes o pensamento de Freire aponta para uma visão de homem capaz de alfabetizado ou não, perceber o mundo e conhecê-lo, entretanto, sobre um véu que relativiza tal percepção.

O conceito de conscientização não foi desenvolvido por Freire, e sim por um grupo de professores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, estes vinculados ao Ministério de Educação e Cultura em meados de 1964. Porém tal conceito foi internacionalmente disseminado a partir das obras de Freire que possui como vigas do seu método de alfabetização, não somente à alfabetização por si só, mas o desenvolvimento de uma consciência crítica, política, de um ser autônomo pessoal e socialmente. Sendo este caminhar parte do processo denominado de conscientização (CABRAL, 2015).

Segundo De La Puente (1979), os delineamentos dados a teoria de Rogers, perpassam por uma psicologia dinâmica, sendo geralmente compreendida como uma psicologia da consciência, apesar do destaque atribuída pelo autor a importância do conceito de experiência, esta antecedendo qualquer estado de consciência. Portanto é percebido uma relação ou fluxo entre a experiência e sua representação correta a consciência.

O mesmo autor nos esclarece que a consciência e não consciência, a congruência e incongruência, como um estado do eu e da experiência, bem como dos mecanismos dinâmicos dos distintos níveis de personalidade expressam a *tendência atualizante* do ser humano. Assim, sem a consciência, o comportamento resultante sairá ao controle dos indivíduos.

Rudio (2003), aborda os conceitos de consciência e experiência bem como sua correlação, resultando em uma representação correta ou simbolização congruente da imagem de si. Assim, observa-se a experiência como um indicador descritivo do que passa com o organismo em um determinado momento, incluindo aspectos referentes a recordação, sentimento ao que ele vê e ouve. Desta forma a experiência pode ou não estar adequadamente acessível a consciência, o que estará relacionado a imagem que o indivíduo tenha de si mesmo, desta forma, quando uma determinada experiência não condiz com a imagem que possuímos, certos movimentos de rejeição são apresentados, não chegando a consciência ou representada de forma incorreta.

Na orientação não-diretiva, os termos consciência, simbolização e representação são tomados como sinônimos. Como explica Rogers, a partir de uma experiência, podemos fazer dela uma construção mental. Esta construção pode ser elaborada como imagem, ideias, pode parecer na forma de palavras ou sem elas. Pode surgir apenas como um sentir vago, indefinível ou, através de gradação, sem uma construção mais perfeita, “acabada” (RUDIO, 2003, p. 26).

Observamos com isso, distintas gradações ou particularidades que envolvem a compreensão dos presentes conceitos, assumindo uma proximidade ou seu contrário, de forma inacabada ou imperfeita, conceitualizada e/ou experienciada de forma a impedir uma narrativa sobre tal vivência, ou por assim dizer, sua intelectualização.

CONCLUSÃO:

Este estudo, de cunho ensaístico e teórico, intencionou realizar um diálogo entre a compreensão de Paulo Freire e Carl Rogers sobre o conceito de consciência, este, como elemento para um possível romper dos homens com os elementos que o oprimem, seja de ordem externa sobre falácias e pressupostos com finalidade de uma adaptação à realidade servil do dominador ou internas, estas, decorrentes de um princípio ou infante que se desenvolveu sobre o véu de hipocrisias e mecanismos de manipulação perspicazes.

Os pontos destacados e conceitos levantados como pontos de intersecção entre os teóricos, foram nomeados de forma a representar esta relação não de forma aleatória, mas partindo dos conceitos próprios de cada autor. Com isso foram exemplificados 6 unidades de significação, percebidas como ferramentas que iriam colaborar ou impossibilitar a tomada de consciência, consciência esta, trabalhada individualmente sobre a perspectiva de cada autor.

Por fim, propomos a (1) *Liberdade Experiencial* como possibilidade das experiências vivenciadas estarem acessíveis a consciência, (2) *Processo de Ressignificação Pessoal*, em que descreve a sistematização das fases que caracterizam a mudança de consciência, (3) *Coerência*, como a capacidade do educador, facilitador, psicólogo etc, se portarem de forma a facilitar a percepção e tomada de consciência de si mesmo. No (4) *experenciarse a si mesmo*, se resume em resgatar a experiência do próprio sujeito cognoscente se utilizando dos horizontes percebidos por ele, mas, de duas formas distintas, na terapia a partir da resposta reflexo e em Freire, pelas palavras geradoras do universo vocabular do aprendente, (5) *Alienação*, descrevendo o afastamento do homem de si mesmo, seja por ideologias opressoras promovidas pela cultura dominante ou mesmo por convencimento de nosso lugar no mundo e por último e não menos importante a (6) *Visão de homem*, descrita por contornos de um ser autônomo, detentor da necessidade de desenvolver seu potencial através de uma experiência libertadora.

Através de tais unidades de significação, apontamos caminhos que poderão ser como reflexão no processo de ensino aprendizagem, este, tanto através e um olhar por parte do discente, mas em especial do docente enquanto mediador/aprendente. Assim, tais unidades são vistas como possibilidades, segundo a respectiva ordem, (1) de uma educação dialógica a qual é possibilidade no sentido de viabilizar forças como a compreensão, respeito, parceria, autonomia, liberdade que sobrepõe a responsabilidade, (2) a distinção e conseqüente aceitação dos múltiplos estados de consciência ou posicionamento para com o mundo, o que possibilita uma compreensão desta heterogeneidade e formas de atender esta demanda, (3) revela a importância da atitude do professor frente ao que apregoa, respaldando sua práxis e refletindo em um clima mais autêntico, e servindo de modelo para os alunos em suas descobertas.

No elemento (4) a unidade é possibilidade para o facilitador atribuir significado ao conteúdo a partir do universo do aluno, o que poderá revelar um maior engajamento do mesmo no sentido de uma mudança posterior a aceitação ou apropriação deste universo, (5) na compreensão dos mecanismos de alienação que em menor ou maior intensidade são reproduzidos ou vivenciados tanto por aluno como professor, possibilitando a discussão e adoção de novas práticas educacionais, por último, (6) a visão de homem remete a um comprometimento dos profissionais que na superação de paradigmas, passam a se posicionar de forma mais otimista, menos fatalista, atrelando tais concepções ao próprio aprendizado, este, sobre um aspecto existencialista em que o homem não está destinado a concepções deterministas, mas ao que pode vir a ser a partir de escolhas mais conscientes.

O presente trabalho, no entanto, não possuiu como objetivo esgotar os diferentes pontos de interseção entre os fundamentos postulados por Freire e Rogers, mas discutir as contribuições dos mesmos para o desabrochar do homem, não se restringindo a psicoterapia, e a um fazer exclusivamente clínico, e sim, adentrando os temas referentes aos aspectos educacionais, trabalho, família, nas relações individuais e de grupo, nem tão pouco exclusivo ao espaço educacional, compreendido aqui, sobre a materialização de muros institucionais, mais sim, sobre múltiplos espaços onde o homem venha se relacionar, esta, sobre uma égide política ou pólis.

REFERÊNCIAS:

- CABRAL, D. W. A. et al. Vygotsky e Freire: os conceitos de “consciência” e “conscientização”. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v.10, p.2, jul./dez., 2015.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GAUTHIER, C.; TARDIF, M. **A pedagogia: teorias e práticas na antiguidade aos nossos dias**. 2. ed. Petropolis: Editora Vozes, 2013. JAPIASSU, Hilton.

Interdisciplinaridade e Patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

PUENTE, M. de la. Consciência e não-consciência em Carl R. Rogers. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 71-77, mar. 1979. ISSN 0100-8692. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18102>>. Acesso em: 28 Mar. 2018.

RUDIO, F. V. **Orientação não-diretiva na educação no aconselhamento e na psicoterapia**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.